

PESQUISANDO O COMPLEXO ATO DE LER EM LÍNGUA ESTRANGEIRA – INSTRUMENTOS DE PESQUISA*

Eliana Rosa Langer**

RESUMO: Neste artigo a questão da pesquisa sobre leitura em língua estrangeira é abordada. Considerando-se que a leitura de um texto é um ato que se dá através de operações mentalísticas, os instrumentos para sua pesquisa devem ser adequados. Analisamos, portanto, os instrumentos disponíveis para tais pesquisas, concluindo que o método de introspecção é o mais adequado destes instrumentos.

Palavras-chave: Pesquisa de leitura, instrumento de pesquisa, protocolo verbal, introspecção.

1. O LÉXICO E A GRAMÁTICA NA LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA (LE)

Levando em conta toda a complexidade do ato de ler, e considerando a leitura em língua estrangeira, uma questão é colocada por Alderson (1984): a leitura em LE é um problema de leitura ou um problema de língua?

A leitura exige do leitor uma rede complexa de procedimentos, sem os quais não será possível ler um texto significativamente. Se isto acontece em relação à língua materna, de um aprendiz de língua estrangeira, a leitura exigirá ainda mais criatividade no que diz respeito a procedimentos, pois este terá que recorrer às ilustrações, gráficos, títulos, dados enunciativos, elementos temáticos, estrutura do texto e também à micro-estrutura responsável pela coesão lógica do mesmo (cf. Coracini – Aspecto criativo da leitura).

Segundo o autor, a leitura em língua estrangeira é tanto um problema de leitura quanto um problema de língua, sendo que a questão da língua

* O presente artigo é parte da dissertação de mestrado da autora – *A leitura em hebraico; o texto e o contexto*.

** Professora da Universidade de São Paulo.

deveria ser tratada com mais relevância. A despeito de indícios de certas transferências de estratégias de leitura da língua materna para língua estrangeira, Alderson acredita que o desempenho de leitores sem proficiência em língua estrangeira está mais intimamente relacionado com sua baixa proficiência na língua em questão, do que com a falta de estratégias de leitura na língua materna.

O conhecimento de palavras está relacionado à capacidade de compreensão do texto escrito. Os aprendizes de língua estrangeira intuem, muito provavelmente, tal relação, pois, freqüentemente, pensam que suas dificuldades de leitura em tal língua serão minimizadas se eles souberem o significado de todas as palavras do texto.

Esta visão unilateral da compreensão do texto apenas nos dá a medida de frustração do leitor diante de um texto povoado de palavras desconhecidas. Como exemplo disso, citarei o caso de uma aluna do curso de hebraico que no final de uma aula pediu à professora que traduzisse todas as palavras do texto estudado, pois, sem que soubesse a tradução das mesmas, não seria capaz de compreendê-lo. Uma vez feita a tradução, a aluna, em seguida, pediu para que lhe explicassem o texto, pois ela havia se fixado no significado das palavras, perdendo assim o sentido do texto. Este relato aponta para o fato de não serem apenas as palavras que causam os problemas de leitura.

Para Kleiman (1989):

“A questão de conhecimento de vocábulo não se reduz à questão do número de palavras desconhecidas ao aluno, nem necessariamente implica em questões mais básicas relativas ao conhecimento e compreensão de um conceito. (...) um outro problema lexical do aluno frente ao texto, (...) é a percepção da palavra como portadora de significado absoluto, ao invés de percebê-la como unidade de apoio para a construção de significado.”

Portanto, o fato de se considerar a palavra como um “átomo”, (termo usado por Kleiman, para designar a palavra como possuidora de um significado absoluto) impede a percepção das suas funções discursivas. Conhecer uma palavra implica, entre outras coisas, conhecer algo sobre os eventos e coisas a que ela se refere, ou seja, implica em possuímos algo do conhecimento necessário para compreender o texto (Kleiman, 1989).

Temos também fatores importantes, a regência lexical que nos faz prever o tipo de complemento que deverá ocorrer, bem como as marcas formais, ou seja, os sufixos, as preposições e os determinantes que nos ajudam a delimitar cada constituinte.

Considerando que o conhecimento lexical de um leitor numa língua estrangeira é limitado, a utilização de estratégias¹ eficazes de inferência de significado de palavras através do contexto é crucial para a compreensão e aprendizagem da língua.

Kato (1985) distingue dois tipos de estratégias que regem o comportamento do leitor: a) estratégias cognitivas, isto é, estratégias automáticas, as quais possibilitam uma leitura rápida e eficiente; b) estratégias metacognitivas, ou seja, estratégias que regem os comportamentos conscientes do leitor, permitindo a desautomatização para o auto-regulamento da compreensão.

2. ESTRATÉGIAS COGNITIVAS

As estratégias cognitivas em leitura são a seqüência de funções mentais que o leitor desempenha de maneira automática para construir significado em toda a extensão do texto. Estas funções dependem da experiência prévia do sujeito e de seu conhecimento de mundo. Estas estratégias possibilitam uma grande eficiência na leitura e elas só não funcionam quando há uma situação marcada que foge aos padrões esperados pelo leitor, podendo causar equívoco. Este equívoco do leitor constata a existência dessas estratégias.

Tais estratégias, segundo Kato (1985), são regidas por dois princípios básicos:

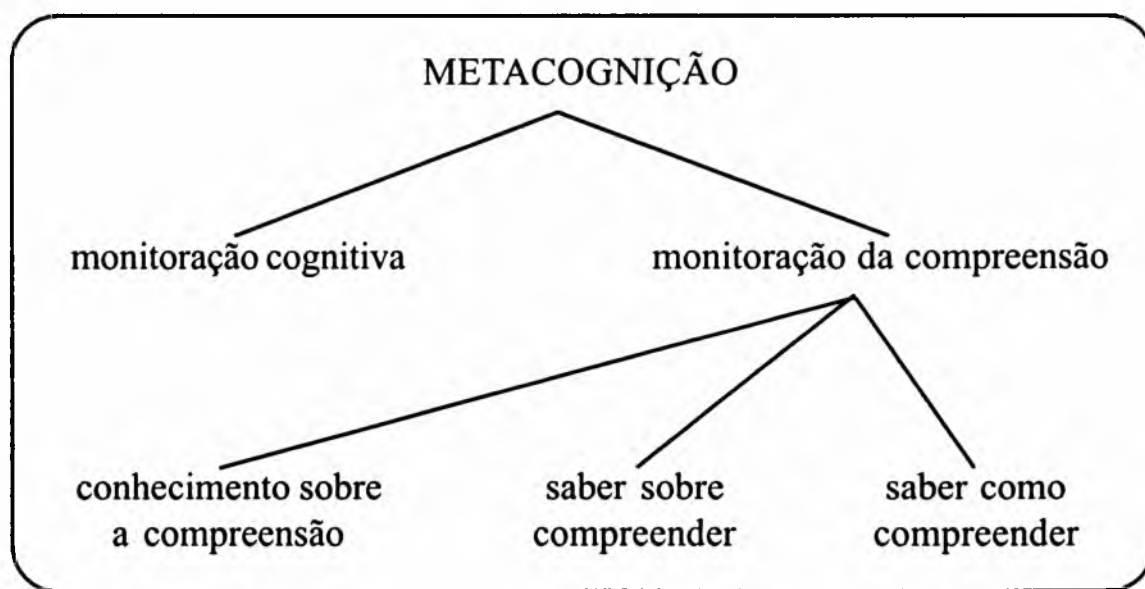
- (a) Princípio da Canonicidade ou da ordem natural. Por exemplo: em nível sintático, temos como ordem natural o sujeito – o verbo – o objeto (SVO), temos também a oração principal antes da subordinada e assim por diante; em nível semântico, temos o animado antes do inanimado, o agente antes do paciente, a causa antes do efeito, etc.

1 Estratégias são os processos do pensamento que os aprendizes escolhem conscientemente para aplicar no momento de realizar uma tarefa de aprendizagem. (Cohen, 1991 in Vieira).

- (b) Princípio da Coerência. Entendendo leitura como um ato de simulação do planejamento do escritor, este princípio diz respeito tanto ao escritor como ao leitor. Isto é, no ato de escrita o leitor está presente na intenção do escritor.

3. ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS

Estratégias metacognitivas incluem o conhecimento do leitor em relação à sua cognição e o controle de seu próprio pensamento. Estas estratégias criam um sistema de monitoração e de alerta ativado pelo leitor em seu processo de pensamento. Este sistema é formado por diversos componentes (Garner, 1987; Baker & Brown, 1984; Flavell, 1981 in Keissar, 1990):



Monitoração cognitiva – é o controle cognitivo do leitor de um modo geral e abrangente, isto é, a possibilidade de utilizar, com uma certa constância, a monitoração, a previsão do próximo passo e a monitoração do resultado da tentativa de uso de determinada estratégia: “será que consegui atingir meu objetivo?”

Monitoração da compreensão – é a monitoração da compreensão de leitura. Este componente se divide em três categorias:

- (a) *conhecimento sobre compreensão* – é o conhecimento que o leitor possui sobre o tipo de compreensão que ele necessita em determinada situação, ou seja: “o que espero entender deste texto?”

- (b) saber sobre compreensão – é o conhecimento que o leitor possui sobre sua compreensão de texto: “será que eu entendi o que está no texto?”
- (c) saber como compreender – é saber como solucionar os problemas de leitura que vão sendo detectados, isto é, se por acaso o leitor não entendeu o texto, o que deverá fazer para compreendê-lo? Ou ainda, se a estratégia utilizada não ajudou na compreensão, talvez trocar por outra.

Kato (1985), por sua vez, considera como sendo básicas, duas estratégias metacognitivas:

- (a) o estabelecimento de um objetivo explícito para a leitura. Este tipo de estratégia teria ainda vários subtipos, como por exemplo, a identificação de aspectos da mensagem que são importantes e a identificação do tema do texto ou das premissas que levam à conclusão;
- (b) a monitoração da compreensão, tendo em vista esse objetivo. Este tipo de estratégia, assim como a anterior, tem também subtipos: o alocamento de atenção em áreas que são importantes, o engajamento em revisão e auto-indagação para ver se o objetivo está sendo atingido, bem como a tomada de ações corretivas quando são detectadas falhas na compreensão.

A natureza consciente das estratégias metacognitivas as torna de interesse especial para a aprendizagem formal, uma vez que estas estratégias orientam o uso das estratégias cognitivas, desautomatizando-as em situações de problema.

Em vista disto, Alderson (1984) sugere que pesquisas sejam feitas, focando o processo de leitura e não o seu produto. Sendo tal processo de natureza mentalística, se faz necessário um instrumento adequado de pesquisa. A seguir apresento os instrumentos disponíveis para este tipo de investigação.

4. INSTRUMENTOS DE PESQUISA EM LEITURA

A partir da década de 70, segundo Cavalcanti (1989), houve um desenvolvimento no interesse sobre o processo de leitura. Podemos ver isto

refletido nas abordagens qualitativas das pesquisas em leitura, as quais buscam a descrição do comportamento para inferir tais processos. Tal interesse transparece tanto nos modelos de leitura, quanto nos instrumentos de pesquisa. Apresentarei, a seguir, a classificação destes instrumentos (cf. Cavalcanti, 1989):

- (a) Análise de lapsos orais – esta técnica proposta por Goodman & Burke (1970 in Cavalcanti) se baseia na análise de “erros” na leitura oral. Esta técnica não considera a leitura silenciosa, porém, a leitura em voz alta não é uma atividade comum entre adultos, e para as crianças, a leitura em voz alta é uma tarefa escolar. Segundo Cavalcanti (1989), para um adulto brasileiro, a leitura em voz alta, em língua estrangeira, traria problemas e preocupação com a pronúncia e a entonação, o que poderia levar a uma leitura sem negociação de sentido.
- (b) Protocolos de evocação – usados por Kintsch et alii (1975 in Cavalcanti) e Kintsch & van Dijk (1978 in Cavalcanti), referem-se às tarefas geralmente denominadas resumos escritos. Os autores não consideram os resumos como reprodução de texto apenas:

“Protocolos de evocação ou de resumo obtidos em experimentos (...) são textos que satisfazem as condições gerais textuais e contextuais de produção e comunicação.

Um protocolo não é simplesmente uma réplica de uma representação de memória do discurso original. Ao contrário, o sujeito tenta produzir um novo texto que satisfaça às condições pragmáticas de uma tarefa específica em um experimento ou às exigências de comunicação efetiva em um contexto mais natural.”

Segundo a autora, este tipo de tarefa não se adequa à investigação do processo de leitura, pois não abre espaço para o processo em andamento, “devido à análise a que são submetidos e ao intervalo de tempo entre a leitura e a tarefa de evocação” Porém, esta técnica poderá ser usada como medida de controle de compreensão, no plano geral de eliciação de dados.

- (c) Monitores e/ou gravadores de leitura – são aparelhos sofisticados que foram desenvolvidos para servirem de instrumento para pesquisar a leitura.

Just & Carpenter (1977 in Cavalcanti) desenvolveram um sistema de registro do reflexo da córnea para monitorar as fixações do olho. Seus experimentos se baseiam na leitura de orações sucessivas em um monitor de vídeo e na decisão se essas orações são “consistentes” com as orações previamente apresentadas. Para tal, eles fazem uso de tarefas de evocação, podendo assim avaliar os efeitos do indicador de discurso na compreensão, os quais são apontados pelas fixações oculares e os efeitos da interpretação final, a qual é apontada na evocação. Os autores tentam relacionar o aspecto observável do processo ao produto das tarefas de evocação.

Thomas & Augstein (1972, 1979 in Cavalcanti) desenvolveram o “Gravador de Leitura Brunel”, instrumento que possibilita ao leitor a visão de mais ou menos cinco linhas por vez. O leitor poderá movimentar o texto tanto para frente como para trás. Segundo os autores, este aparelho registra os “padrões de comportamento” durante a atividade de leitura, padrões estes que servirão de base para aconselhamento de leitores. Este recurso, como se pode notar, combina uma técnica de conversação para a monitoração relacionada a estilos de leitura.

Whalley (1977 in Cavalcanti) desenvolveu um aparelho para monitorar a leitura que tem por base o computador. A técnica proposta consiste de uma sala escurecida onde o leitor fará a iluminação das seções do texto que serão lidas por ele.

Pugh (1978 in Cavalcanti) desenvolveu um aparelho composto de câmera de vídeo, monitor, gravador, e uma mesa especial de leitura. Com este aparelho, o pesquisador pode observar tanto o movimento dos olhos como o texto que está sendo lido, sem interferir. O interesse deste pesquisador é avaliar cursos de desenvolvimento de uma variedade de estilos de leitura e de seus usos.

(d) Técnica introspectiva – é utilizada por Hosenfeld (1977 in Cavalcanti) para investigar o processo de leitura, através da técnica de “pensar alto” enquanto uma tarefa de leitura é realizada. Pensar alto é uma técnica também denominada “protocolo verbal”, e consiste em solicitar aos informantes que verbalizem seus pensamentos enquanto resolvem ou tentam resolver um problema.

Para Cohen (1987 in Vieira, 1995), o uso destes métodos de introspecção em pesquisa sobre leitura se deve à dificuldade de se observar os pensamentos que estão no âmbito da percepção do leitor/aprendiz, baseando esta observação apenas em aulas centradas no professor. O autor se refere a observações de aulas, onde são registrados os movimentos físicos dos alunos, sendo que este tipo de observação não pode capturar o pensamento e o sentimento do aluno envolvido, acerca de seu próprio aprendizado.

4.1. Introspecção

A psicologia e a lingüística aplicada utilizam o termo “introspecção” para denominar diferentes métodos de investigação de processos mentais (Cavalcanti, 1989). Nestes métodos os dados são a verbalização, feita pelos próprios sujeitos, acerca das formas como estes organizam e processam informações. Conforme Radford & Burton (1974, in Cavalcanti):

“A introspecção nos dá informação sobre experiência. Proporciona dados inacessíveis de outra maneira. Podem, além disso, trazer à luz fatos que de outro modo não seriam notados, ou estimular-nos a fazer novas perguntas.”

Os dados provenientes deste método podem apenas ser tratados como comportamento verbal de onde eventos mentais podem ser inferidos.

É conveniente mencionar a discussão existente em torno da confiabilidade em relação a tais inferências, ou seja, até que ponto os analistas podem confiar nas declarações de introspecção para fazer suas inferências (Cavalcanti, 1989). Segundo a autora, confiabilidade é um problema de outras técnicas também, e ele está relacionado à motivação e à vontade de colaborar dos sujeitos envolvidos. Uma vez que os sujeitos estejam motivados e com vontade de cooperar, não há razão para se supor que irão mentir.

Outra questão relacionada a confiabilidade é a compreensão e a familiaridade dos sujeitos com a tarefa a ser desenvolvida. Para tanto Cavalcanti (1989) sugere uma fase de treinamento, entendida como um exercício de aquecimento para auxiliar os sujeitos a focalizarem seus problemas mentais.

Segundo Ericsson & Simon, 1980 (in Keissar, 1990) alguns princípios devem orientar o uso desta técnica:

- (1) produção de uma informação específica;
- (2) levar em conta somente as estratégias conscientes do sujeito/leitor;
- (3) em caso de protocolo parcial, indagar do sujeito/leitor, apenas sobre os eventos mentalísticos que ainda se encontram na sua memória de curto prazo;
- (4) sujeito/leitor deve crer na importância de seu processo;
- (5) sujeito/leitor deve evitar explicações e generalizações;
- (6) conceder o tempo necessário para a realização da tarefa.

Estes métodos introspectivos são também chamados de auto-relato, auto-observação, auto-declaração ou ainda de protocolo verbal, pensar alto e de retrospecto.

A introspecção é um termo abrangente que envolve uma variedade de paradigmas de pesquisa. Focalizarei a seguir os critérios de classificação e de uso destes métodos.

Radford & Burton (1974, in Cavalcanti, 1989) classificam as técnicas introspectivas em três grupos:

- (1) auto-observação, quando o analista/observador relata seus próprios eventos mentais. Neste grupo o participante único faz o papel de sujeito/analista;
- (2) auto-relato ou autopercepção, quando o sujeito conta sua experiência ao analista/pesquisador. No auto-relato há pelo menos dois participantes, o sujeito, que no caso relata a observação de seu próprio comportamento ao analista;
- (3) pensar alto, o sujeito verbaliza seu pensamento enquanto realiza a tarefa.

Porém, estes mesmos autores admitem que esta classificação pode ser útil, do ponto de vista do planejamento de coleta de dados, mas, na prática, a fronteira entre tais grupos pode não ser bem definida.

Cohen & Hosenfeld (1981-1983 in Cavalcanti) também fazem uma classificação semelhante à citada acima, porém, estes autores preferem chamar a técnica introspectiva de técnica mentalística. Sua classificação enfoca também a dimensão do tempo. Assim temos:

- (1) o auto-relato – se dá quando o sujeito faz certas generalizações sobre seus pensamentos, as quais se baseiam em hábitos conscientes de raciocínio. Por exemplo: “eu sempre leio primeiro o título” O tempo do relato é após o evento e o nível de consciência é alto;
- (2) auto-observação – se dá quando o relato do sujeito é imediato, ou após um determinado evento mental. Por exemplo: “eu acho que o que fiz foi inferir o significado do contexto.” Neste grupo o nível de consciência também é alto;
- (3) auto-revelação – se dá quando o sujeito deixa seu pensamento fluir verbalmente, sem censura. Esta categoria também é chamada de pensar alto. Neste caso o tempo do relato é imediato em relação ao evento, e o nível de consciência é baixo.

Nestas categorias podemos distinguir entre dois níveis relacionados ao tempo de reação, a partir do momento da execução da tarefa:

introspecção – quando o relato se dá durante a atividade mental.

retrospecção – quando o relato se dá dentre 10 a 20 segundos depois da atividade mental. (Cohen, 1984 in Cavalcanti)

Tavares (1993), em seu trabalho, apresenta as principais objeções, segundo alguns autores, assim como Cohen (1989, 1992 in Tavares), Ericsson & Simon (1980 in Tavares) e outros. A meu ver é importante que estas objeções sejam aqui explicitadas:

- (1) uma grande parte dos processos cognitivos é inconsciente, e portanto não pode ser verbalizada;
- (2) as verbalizações são incompletas;
- (3) a verbalização interfere nos processos cognitivos, alterando o curso normal da realização da tarefa;
- (4) os sujeitos produzem relatos inconsistentes com seu comportamento.
- (5) os sujeitos podem suprimir ou fornecer informações por acreditarem ser socialmente aceitáveis;
- (6) os resultados são suscetíveis às instruções dadas, às características do sujeito e à natureza da análise de dados os quais são de fácil generalização;
- (7) na pesquisa em língua estrangeira, quando o sujeito realiza a tarefa numa segunda língua e relata seus processos cognitivos em sua língua materna, podem ocorrer dificuldades de recodificação da informação.

Por um lado, há críticos que encontram motivos para rejeitar o uso dos métodos introspectivos, por outro, há pesquisadores que argumentam que o reconhecimento da existência dos problemas acima citados pode ajudar a evitar alguns deles. Tavares em seu trabalho apresenta a contra-argumentação de alguns autores, dentre os quais, Ericksson & Simon (1980, 1987, in Tavares, 1993), Cohen (1992, in Tavares, 1993), White (1980, in Tavares 1993) e Rankin (1988, in Tavares).

A respeito das objeções (1) e (2) acima citadas, os pesquisadores argumentam que o fato de a verbalização ser parcial e os processos cognitivos serem inconscientes não invalida os dados verbalizados. É através da introspecção que temos possibilidade de acesso às informações às quais prestamos atenção durante a realização de determinada tarefa.

Sobre o argumento (3) há pesquisadores que acreditam que os protocolos verbais introspectivos não afetam o curso normal dos processos, porém, outros dizem que este instrumento de pesquisa torna mais lenta a realização da tarefa. Estes últimos recomendam que as tarefas devam ser fáceis e não exigir esforço excessivo por parte do sujeito.

Quanto à objeção (4), há pesquisas em que os relatos de hipóteses e estratégias provaram estar altamente relacionados com o comportamento subsequente do sujeito.

A objeção (5) aponta para a necessidade de se criar uma relação de confiança entre o sujeito e o pesquisador, bem como, para a necessidade de uma definição clara dos objetivos da tarefa proposta.

A objeção (6) implica na necessidade de se explicitar todos os procedimentos utilizados para a elicitação e análise de dados e considerá-los ao comparar-se os resultados de pesquisas.

A objeção (7) diz respeito à questão inerente aos estudos que utilizam duas línguas ao mesmo tempo. Neste caso sugere-se que se conduzam estudos para pesquisar até que ponto a realização de uma tarefa em língua estrangeira e a verbalização dos processos cognitivos em língua materna podem se constituir numa sobrecarga para o sujeito interferindo em seus processos cognitivos.

4.2. Protocolo verbal

A técnica de pensar alto é denominada protocolo verbal. Originalmente foi desenvolvido na técnica de solução de problemas, por Newel &

Simon (in Cavalcanti, 1989) e consiste em pedir ao sujeito que pense alto enquanto se desincumbe de uma determinada tarefa. A tradição no uso de protocolos verbais foi iniciada com uma técnica para verificar modelos de computador de processamento de informação.

Hosenfeld (1976, 1977, 1979 e 1984, in Cavalcanti, 1989) utiliza a técnica do protocolo verbal em seus trabalhos de pesquisa em leitura em língua estrangeira. Em seu trabalho inicial a autora focaliza a identificação de estratégias de leitura de aprendizes com desempenho bom e com desempenho fraco. A autora, para a coleta de dados, usou a técnica de pensar alto em situação de entrevistas individuais.

Mais recentemente, Hosenfeld (1984) realizou alguns estudos de caso com aprendizes de desempenho fraco, cujos dados foram coletados através do protocolo verbal efetuados durante tarefas de leitura. Nestes estudos de caso a autora não apenas identificou as estratégias de leitura dos sujeitos envolvidos, como também os ajudou a adquirir estratégias mais produtivas.

Os protocolos verbais utilizados por Hosenfeld se baseiam em técnicas de entrevista, sendo que a pesquisadora intervém sempre que necessário para encorajar o leitor a pensar alto e a passar da retrospectiva para a introspecção.

4.3. Protocolo de pausa

Cavalcanti (1989) propõe o protocolo de pausa, que é uma adaptação do protocolo verbal. Neste tipo de protocolo, o sujeito deve ler um determinado texto, silenciosamente, com o propósito de fazer um resumo oral, e pensar em voz alta sempre que notar uma pausa no processo de leitura.

O protocolo de pausa encoraja a leitura silenciosa e faz com que os sujeitos monitorem seu processo de leitura e pensem alto durante as pausas detectadas. Pensar em voz alta inclui algumas elaborações sobre:

- (a) a localização do problema encontrado;
- (b) a descrição do problema;
- (c) a descrição do modo como o problema é tratado.

Para a autora, como subsídio para a elaboração de material de leitura em língua estrangeira, o mais importante é a identificação e a análise do problema encontrado, problema este que exigiu o uso de determinada estratégia.

O uso deste procedimento pressupõe que a identificação de pausas resulta em um desaceleramento natural do processamento da informação, o processo automático da leitura passa a ser um processo controlado.

Cavalcanti (1989) sugere que o protocolo de pausa seja precedido por uma fase de aquecimento. A sugestão desta fase de aquecimento se deu durante os estudos piloto efetuados para a adaptação deste tipo de protocolo. Nestes estudos, os sujeitos, quando solicitados a pensar em voz alta, liam um trecho longo do texto para somente então fazer um auto-relato. Muitas vezes, estes sujeitos, quando começavam seu relato, já não se lembravam do processo.

Tavares (1993) em seu trabalho utiliza o protocolo de pausa em contexto de sala de aula. Em sua pesquisa, a pesquisadora propõe o uso de técnicas introspectivas na rotina de sala de aula, e aponta para um aumento de consciência do próprio processo de aprendizagem dos alunos envolvidos, os quais utilizaram protocolos verbais.

Na pesquisa por mim realizada em 1995, os protocolos de pausa viabilizaram o levantamento de estratégias utilizadas pelos leitores de hebraico como língua estrangeira, e pude comprovar o aumento de consciência dos alunos de seu próprio processo, o que melhorou o desempenho dos mesmos. Os protocolos de evocação foram utilizados para medir o desempenho dos leitores.

BIBLIOGRAFIA

- ALDERSON, J.C. & URQUHART, A.H.. (orgs) *Reading in a foreign language*. London, Longman, 1984.
- CAVALCANTI, M. C.. *Interação leitor-texto: aspectos de interpretação pragmática*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1989.
- HOSENFELD, C.. *Case studies of ninth grade readers*. In: ALDERSON & URQUHART. *Reading in a foreign language*. London, Longman, 1984.
- KATO, M.. *Estratégias em interpretação de sentenças e compreensão de textos*. In: Cadernos PUC, Linguística nº 6, São Paulo, EDUC, 1983.
- KEISSAR, O.. *Identificação e análise dos processos de leitura, através do cloze racional*. Dissertação de mestrado, Jerusalém, Universidade de Jerusalém, 1990.
- KLEIMAN, A.. *Texto e leitor aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, S. P. Pontes, 1989
- LANGER, E.R.. *A leitura em hebraico: o texto e o contexto*. Dissertação de mestrado, FFLCH, USP, 1995.

TAVARES, K.C.A.. *O uso da introspecção: da técnica de pesquisa para o ensino de leitura*. Dissertação de mestrado em letras anglo-germânicas. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de letras, 1993.

VIEIRA, J.R.. *Leitura de metáfora, ensino de leitura e formação de professores de língua estrangeira*. Projeto de pesquisa para qualificação no doutorado em lingüística aplicada da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

ABSTRACT: This work is a reflection on reading research. Considering that reading a text is an act that uses mentalistic operations, the tools for reading research must be appropriate. We present therefore, the tools available for this purpose. We analyse the introspective methods, as we find it to be the most appropriate for our task.

Key- words: Reading research, research tool, introspection.